

# CLIPPING

06 de Janeiro de 2019  
O Liberal – Panorama, 09



## O que representa a mudança da embaixada brasileira em Israel?

**A** intenção do presidente Jair Bolsonaro de mudar a embaixada em Israel de Tel Aviv para Jerusalém representa uma brusca alteração da política externa brasileira para aquela porção do Oriente Médio. Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, o Brasil tem apostado no jogo diplomático com base no respeito e equilíbrio, e nas negociações intermediadas pela ONU para a resolução dos conflitos naquela região.

Tensões e controvérsias, questões religiosas e lutas acirradas pela posse de territórios dificultam o diálogo e acordos de convivência pacífica entre israelenses e palestinos. Caso se confirme a transferência da embaixada para

Jerusalém, o Brasil poderá sofrer constrangimentos políticos e ameaças de boicote econômico (sobretudo por parte dos países árabes), além de ter sua imagem internacional comprometida como player estratégico na concertação.

Muitos analistas e grupos próximos ao presidente Bolsonaro têm alertado sobre os riscos e desgastes decorrentes de ações intempestivas e polêmicas. Uma observação mais atenta mostra que não seria recomendável uma postura isolacionista e avessa ao esforço

multilateral, sobretudo neste turbado período de crises sistêmicas do capitalismo

e no contexto de possibilidades com a interdependência global (cooperação para o desenvolvimento, Agenda ODS, Acordo climático de Paris, etc.). A parceria e intensificação de negócios com a China não pode ser desvalorizada, além da experiência bastante acumulada pelo Mercosul.

O certo é que a estratégia de aproximação com o governo israelense, com a proposta de mu-

dança da embaixada (reforçada pela presença do premier Benjamin Netanyahu na posse do presidente brasileiro), sinaliza que o Brasil se inclina ao alinhamento geopolítico com os Estados Unidos, Israel e outros países de extrema direita. Estes movimentos conservadores e nacionalistas tentam se contrapor ao chamado globalismo, entendido de forma equivocada pelo chanceler Ernesto Araújo como "globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural".

A governança regional/mundial dos problemas e alternativas para o conflito árabe-israelense sempre foi e continuará sendo difícil e complexa. A marcha da história continua incerta e imprevisível.

**“Muitos analistas e grupos próximos ao presidente Bolsonaro têm alertado sobre os riscos de ações intempestivas”**



**Alberto Teixeira da Silva**  
Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA)